

Cada canto, um canto



Duas boas leituras apresentam um breve panorama do que se entende sobre literaturas e vozes negras

POR CRISTIANE TAVARES

Os poemas de Federico García Lorca, poeta espanhol morto pela ditadura do general Francisco Franco, em 1936, foram o ponto de partida para a criação dos textos que compõem o livro **Cada bicho um seu canto**, de Edimilson de Almeida Pereira. O título foi publicado originalmente em 1988, em pequena tiragem, pelo selo Edições d'lira, de Minas Gerais, e agora é relançado pela FTD Educação. Segundo o autor, os poemas do livro — que na primeira edição foi ilustrado pelo artista plástico Hugo Ribeiro de Almeida e agora conta com as ilustrações de Edson Ikê — foram inspirados pelas músicas e imagens de Lorca. As canções deram título a alguns livros do escritor espanhol, um poeta-músico, e entre seus poemas há também os que cantam o reino animal e suas pequenas grandezas, comparáveis em muitos aspectos à vida em sociedade.



O autor Edimilson de Almeida Pereira em lançamento de livro, Juiz de Fora (MG), 2016.

“Faço uma poesia de reflexão que se apoia na musicalidade das palavras.”

O canto se faz presente na ambiguidade do título **Cada bicho um seu canto**. Pode ser uma menção ao hábitat dos bichos ou uma referência à peculiar forma de expressão (o cantar) de cada um. Note que o poeta não optou por usar a formulação mais comum “cada bicho em seu canto”, mas “um seu canto”. Espaço e tempo se fundem poeticamente para nomear o livro, destacando a singularidade de cada animal. Algo semelhante ocorre com os títulos dos poemas. Lendo o sumário, não é possível identificar de qual animal cada texto trata: de que bichos o leitor se lembra ao deparar com os nomes “Dolores”, “Notas”, “Baile”, “Espanto”, “Relógio” e “Telegrama”? Esse caráter de certa forma enigmático, que não dá respostas de antemão e evoca o questionamento, é o que Pereira chama de poesia de reflexão: “Faço uma poesia de reflexão que se apoia na musicalidade das palavras. Isso está presente nos textos para os adultos e



para os leitores jovens. Não uso de maneira aleatória a sonoridade das palavras. Trata-se de um método, resultado de uma escolha consciente para tratar a escrita”.

Para o pequeno leitor, esse método descrito pelo autor pode proporcionar uma experiência que o aproxima da linguagem poética por meio do jogo e da brincadeira, como nos versos do poema “Tempo”: “O nome da lesma muda. / Se pequena, é lesminha, / se Grande, é Les Sua”. Ou, ainda, em uma estrofe do poema “Dúvida”: “Quem cobra / da cobra / o aluguel da roupa?”. O trato sofisticado da linguagem respeita a inteligência do leitor: conta com sua capacidade de pensar a partir de sons e imagens que provocam a percepção, deslocando-a de seu lugar de conforto. É o que acontece, por exemplo, com a surpresa que toma o leitor ao ler, como oposição a “lesminha”, a expressão “Les Sua”, com iniciais maiúsculas que indicam a grandeza do aumentativo e o uso do pronome possessivo para formar o contraste (les)minha × (les)sua, em vez do esperado lesminha × lesmão.

Tudo isso talvez explique a vitalidade de **Cada bicho um seu canto** mais de três décadas após sua primeira edição. O método acompanha uma crença profunda no valor da construção de conhecimento mediada pela linguagem poética. Como bem explica o autor, “o mundo mudou, em vários aspectos, de 1988 para 2022. Contudo, algumas questões permanecem, por exemplo, a necessidade de fazermos da busca pelo conhecimento um farol para compreendermos o nosso mundo”. Nesse sentido, os poemas de Pereira são textos que convidam a pensar, ao mesmo tempo que divertem. É o que encontramos nos versos de “Mistério”:



*O louva-a-deus passeia
de mãos postas.*

*Parado é um graveto,
andando
uma
folha.*

*Será que ele reza
A algum deus secreto?*

Nos primeiros versos do poema conseguimos visualizar perfeitamente o louva-a-deus, quando pensamos nas imagens divertidas que o texto nos oferece: o passeio com as mãos postas e a camuflagem de graveto ou folha, um mistério da natureza. Já os versos finais solicitam o questionamento reflexivo, anunciado no título do poema: a quem reza um inseto com nome louva-a-deus? Outro mistério!

LITERATURA BRASILEIRA NEGRA OU AFRO?

O conhecimento como farol para a compreensão do mundo é uma imagem que nos ajuda a pensar na importância da presença crescente das literaturas negras no

mercado editorial brasileiro, sobretudo infantojuvenil. O conjunto da obra literária de Pereira pode ser considerado literatura negra, não apenas por se originar de um autor que se reconhece negro, como também porque é atravessada, em muitos casos, por mitopoéticas de matriz afro-brasileira, ou seja, estudos sobre as experiências afrodescendentes brasileiras ancestrais, marcadas especialmente pela oralidade. Entretanto, essas memórias afrodescendentes não dão o tom, ao menos explicitamente, de **Cada bicho um seu canto**, livro que transita por temáticas variadas, partindo das relações possíveis entre o comportamento animal e o humano e tendo a própria linguagem também como tema. Isso nos leva a um questionamento importante: afinal, o que abarcam as literaturas negras, também chamadas *literatura negro-brasileira* e *literatura afro-brasileira*? Resumindo um debate complexo que habita o meio acadêmico, Pereira nos ajuda a entender:

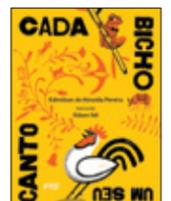
“No conceito de literatura negro-brasileira enfatiza-se o caráter étnico dessa escrita, ou seja, sua condição de obra produzida por autores e autoras que se definem como negros e negras, tratando de temas de interesse dessa comunidade étnica (em particular, a denúncia e o combate ao racismo) no contexto da sociedade brasileira. No conceito de literatura afro-brasileira, além da temática acima, sobressai o diálogo transnacional com os valores estético-culturais das literaturas produzidas nos vários contextos dos países do continente africano. Em ambos os casos, esse viés literário se contrapõe ao câno-

ne literário, de base eurocêntrica, que se estabeleceu no Brasil em decorrência do processo de colonização europeia imposto aos territórios do então chamado Novo Mundo.” — Edimilson de Almeida Pereira

Como educadores e familiares comprometidos com a formação de pequenos leitores, devemos observar a pluralidade de vozes literárias presentes em nosso país, entendendo, inclusive, que as vozes negras são heterogêneas, falam diferentes línguas, revelam variadas culturas e acionam subjetividades e identidades singulares.

É preciso destacar que essas literaturas acontecem no rastro de lutas árduas dos movimentos negros no Brasil, em busca de maior equidade na ocupação de espaços culturais e artísticos, que constituíam privilégios da branquitude.

No Brasil, as leis n. 10.639, de 2003, e 11.6645, de 2008, que alteraram a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação, legitimam e determinam a introdução do ensino das relações étnicas, da história e das culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras nas escolas. Desde sua aprovação, tem se verificado um aumento significativo na produção de livros literários sobre essas temáticas, sobretudo os infantis e juvenis, com vistas à adoção nas escolas, o que representa vendas altíssimas para as editoras. O aumento na quantidade de títulos, no entanto, não necessariamente vem acompanhado de uma preocupação com a representatividade dos autores negros e indígenas nessas produções, tampouco de crítica literária especializada ou do preparo para a recepção e mediação dessas obras nas escolas.



**CADA BICHO
UM SEU CANTO**

Edimilson de
Almeida Pereira,
ilustrações de
Edson Ikê, FTD
Educação, 2022.



“Oferecer literatura considerando os aspectos étnico-raciais é um caminho para que o racismo infantil não continue um fator segregador entre crianças negras e brancas.”

Para a educadora Luciana Gomes, “a escola, como espaço democrático do conhecimento, é o terreno onde se podem fortalecer e auxiliar as construções identitárias desde as primeiras infâncias. Oferecer literatura considerando os aspectos étnico-raciais é um caminho para que o racismo infantil não continue um fator segregador entre crianças negras e brancas. Fazer escolhas literárias nas quais haja presenças negras, considerando estética e contexto, contar nossas narrativas e construir lugares para que as crianças contem as suas são pequenas ações para desconstruir o estigma que tenta etiquetar nossa imagem enquanto pessoas negras”.

Uma autora que teve e ainda tem um papel muito importante na entrada das literaturas negras no segmento editorial infantil e juvenil é a antropóloga Heloisa Pires Lima, de **Histórias da Preta**, publicado em 1998 pela Companhia das Letrinhas. Ela revela que a questão inspiradora para a escrita do livro foi: “Qual é a diferença entre ser uma menina negra e todas as outras meninas?”. A personagem não responde, mas faz perguntas que vão cercando a percepção do tema no

cotidiano. A abordagem de assuntos complexos com linguagem de fácil acesso, segundo Lima, possibilitou “quebrar percepções cristalizadas, naturalizadas, preconceitos”.

Assim como Gomes, Lima também vê a lei n.10.639 como um primeiro e importante passo em direção à equidade racial nas publicações voltadas ao público infantil, mas faz uma ressalva aos equívocos vividos durante o processo: “O mercado da literatura infantil buscou fábulas, contos e lendas, mas sem preocupação de localizá-las etnicamente. Após a lei n.10.639, as editoras buscaram, da mesma forma, repertórios africanos escritos por europeus, na primeira onda. Depois, a autoria negro-africana conquistou seu espaço. No Brasil, a força dos movimentos negros, com demandas muito concretas relacionadas às infâncias negras, tem como aliadas as novas tecnologias”, conta a autora e pesquisadora.

As observações de Lima podem ser exemplificadas com os dois livros em destaque nesta matéria. **Cada bicho um seu canto** é assinado por um poeta negro, cuja obra poética como um todo o coloca entre as principais vozes negro-brasileiras da

atualidade. Ainda que nesse livro, em especial, as questões étnico-raciais não estejam no primeiro plano, trata-se de um livro escrito e ilustrado por artistas negros reconhecidos pela crítica especializada como vozes representativas da produção artística negra brasileira.

Já o livro **Mesmo quando sua voz falhar**, da autora ganense Ruby Yayra Goka [leia mais na página 12], traz uma localização geográfica e cultural bem demarcada, o que evita generalizações que levem ao equivocado pensamento de um continente africano homogêneo. Nesse livro, em especial, a opção por manter algumas palavras no idioma original, traduzidas em glossário nas páginas finais, possibilita ao leitor o contato direto com a cultura ganense, aproximando-o de um modo de falar e se expressar específico. Isso, de certa forma, contribui para a singularização necessária ao acesso do público leitor às vozes negras plurais.

Para romper com a pasteurização que coloca toda a literatura africana em um único pacote, Lima indica a busca por pesquisadores consistente, com vistas a desfazer a ideia, ainda corrente, de que a África é um continente homogêneo. Essa é uma orientação que vale tanto para editores e críticos literários, quanto para educadores e familiares desejosos de promover um contato legítimo e cuidadoso com as literaturas negras. Pensando nisso, destacamos alguns critérios para orientar essa aproximação, com a intenção de que sejam lidos como referências norteadoras e não como receituário. Afinal, cada percurso leitor é composto de escolhas que envolvem erros e acertos, surpresas boas e desencantos, releituras e abandonos, e isso é indispensável para a consolidação dos repertórios literários.

Vozes negras na literatura infantil e juvenil

Orientações para educadores e famílias:

- 1** Procure **ampliar o repertório de autores e autoras negras** que você conhece, assim como de ilustradores, artistas gráficos e editores responsáveis pelos livros que oferece às crianças.
- 2** Informe-se sobre as **especificidades de conteúdo** presentes em livros que tenham títulos e subtítulos muito genéricos, contribuindo para uma visão equivocada do continente africano como bloco sociopolítico homogêneo.
- 3** Atente para o **modo como os personagens negros são representados** nos livros, tanto no texto como nas imagens. Devem ser evitados estereótipos que padronizem uma única estética para se referir à **diversidade dos corpos negros**, assim como posições sociais prioritariamente subalternas, pois apresentam conotação racista ou reforçam a estrutura desigual e segregada já existente.
- 4** Dedique-se à **leitura de resenhas críticas** de livros, publicadas de modo acessível em revistas especializadas. É um modo de ampliar suas percepções sobre as obras, estabelecendo diálogo com pesquisadores e estudiosos do tema.

- 5** Preste atenção nos comentários que as crianças e os jovens com os quais convive ou trabalha fazem de determinados livros com presença de vozes negras. O que percebem, como apreciam, que relações estabelecem, que perguntas fazem? **Aprendemos muito na interlocução com os pequenos grandes leitores!**



Quer saber mais sobre o pensamento de Edimilson de Almeida Pereira?

Confira a seguir uma breve entrevista com o autor que passa por diferentes temas: obra, estilo, história e educação.

Os títulos dos poemas de *Cada bicho um seu canto* não revelam o nome do animal que aparece em cada texto, o que abre possibilidades para uma leitura metafórica. Você poderia comentar um pouco sobre a escolha dos títulos?

Sua interpretação capta exatamente a minha proposta para os títulos — e para toda a minha escrita. Uma questão que sempre se impõe à literatura para os públicos adulto e jovem é o embate entre a necessidade da literatura de ensinar algo (função didática) ou dinamizar o prazer da apreciação (função estética). Há muito não considero essa questão como um jogo de oposições. Prefiro escrever no entrelugar desse par mínimo (didatismo/esteticismo), pensando em levar os leitores a construírem eles mesmos os significados para o texto que têm à sua frente. Procuo articular jogos de forma e imagem, rumor e silêncio, reflexão e emoção apos-

tando no desejo do leitor de interagir com o texto, interpretando-o a partir de suas experiências pessoais e sociais. Os animais de *Cada bicho um seu canto* foram escolhidos a partir das características que apresentam. Por exemplo, a leveza e força do gato; a rapidez e a tensão da vespa etc. O interessante foi perceber como, às vezes, esses traços biológicos servem como metáforas para ações culturais criadas por nós, seres humanos, em sociedade. A intenção dos poemas não é atribuir aos animais atributos morais humanos, como na fábula. O propósito é, segundo uma percepção que temos hoje, demonstrar que participamos todos de um mundo de seres vivos, que têm suas modalidades de linguagem, seus sistemas de comunicação e que interagem entre si. Por isso, o título do livro, ou seja, cada ser vivente (animal ou planta) possui o seu modo de se expressar (o seu canto).

Ao escrever para crianças, a relação lúdica com a linguagem se intensifica? Quais relações de semelhança e diferença você observa no seu processo de escrita para públicos distintos (infantil e adulto)?

Quando escrevo poesia, penso em possíveis leitores complexos, que sabem muito sobre os jogos de palavras e de imagens, que vivem, tanto quanto eu, mergulhados nas múltiplas experiências da vida. Considero o princípio de que nossas vidas e mundos são plurais, ricos em significados, alguns mais visíveis e outros menos. Por isso, no ato da escrita, na busca pelos sentidos, não faço distinção entre os públicos porque para “conversar” com eles sou desafiado a entender a complexidade de todas as formas de linguagem e de visões de mundo.

Como você vê a relação entre a literatura contemporânea produzida em países da África e a literatura brasileira?

Essa não é uma pergunta de fácil resposta. Cada país africano, assim como o Brasil, apresenta suas especificidades históricas, políticas, econômicas e sociais. São fatores que interferem de maneira decisiva no ambiente de criação e de circulação dessas literaturas. Quando falamos de relação entre elas é importante considerarmos as simi-



O autor Edimilson de Almeida Pereira.

laridades decorrentes de fatos como a violência do passado colonial ou seu contraponto, os processos de luta de libertação do colonialismo. Esses aspectos são fundamentais na articulação dessas literaturas, porém, há outros igualmente importantes para o desenho de literaturas que podem ser, ao mesmo tempo, transnacionais e específicas de um território. De modo objetivo, acredito que a circulação das obras — em traduções, concursos literários transnacionais, encontros entre escritores, estudiosos e leitores, políticas públicas de barateamento e distribuição dos livros, fomento às residências literárias nos diferentes países etc. — é importante para termos uma ideia do imensurável patrimônio cultural que subsiste nos países afetados pelo hediondo tráfico de escravizados. Patrimônio esse que

aponta, para além dessa herança, outros horizontes sociais e políticos, baseados no respeito, na democracia e na relação fraterna entre as pessoas de diferentes sociedades.

Especialmente no que diz respeito à literatura infantojuvenil brasileira, como você vê a presença de vozes negras atualmente? Acredita que a lei n.10.639, de 2003, contribuiu para dar maior visibilidade a essas vozes?

A lei n.10.639 e seus complementos, que incluíram as literaturas indígenas, são frutos do engajamento de movimentos sociais que pensam num país atento à sua diversidade social e cultural. Essa porosidade social, que decorre também da vontade política de vários agentes (tais como educadores, dirigentes sindicais, políticos, comunicadores, influenciadores, comunidades re-

ligiosas e mídias progressistas), é necessária para que tenhamos um ambiente favorável ao surgimento de várias vozes literárias. No entanto, espera-se que essas vozes não sejam limitadas pelas regras do mercado, que se apropria de temas fundamentais para reduzi-los à condição de produto de interesse momentâneo. Isso é um desafio também para todos os artistas, de modo geral, e para os escritores, de modo particular. O tensionamento entre função social e função estética da literatura é ampliado, mais do que nunca, sob condições em que a busca pela afirmação da diversidade etnossocial pode se transformar em cerceamento e objetificação das contradições inerentes à experiência estética. Creio que é necessário um debate aberto, profundo e contínuo entre as pessoas que interagem no ambiente cultural do país, a fim de não perdermos de vista a amplitude e a complexidade do patrimônio cultural gerado, há muito, nas difíceis teias da afrodiáspora.